

## **O IMPACTO DA VIOLÊNCIA URBANA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DOS ALUNOS USUÁRIOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NAS FAVELAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

*Greice Cristina dos Santos*

*Instituição: Faculdades Integradas Campo-Grandenses (FIC/FEUC)*

*E-mail: [greicec8@gmail.com](mailto:greicec8@gmail.com)*

*Prof<sup>ª</sup>. Ma. Marina de Freitas Garcia*

*Faculdades Integradas Campo-Grandenses (FIC/FEUC)*

*E-mail: [marinafgarcia04@gmail.com](mailto:marinafgarcia04@gmail.com)*

**Resumo:** O presente artigo surge da inquietação e observação da realidade do sistema educacional carioca. Busca levantar alguns questionamentos e a encontrar possíveis caminhos para se compreender o cotidiano das escolas da rede pública de ensino do Rio de Janeiro localizadas dentro das favelas; o contexto de violência sofrida por alunos e professores da Rede, os impactos da violência urbana no contexto escolar e seus desdobramentos na rotina de seus alunos, professores e equipe técnica, como forma o fechamento das unidades de maneira ou parcial, a perda de dias letivos, a convivência constante com homens armados, as operações policiais que ocorrem a qualquer momento e toas as interferências externas que impactam a vida do ambiente educacional.

**Palavras-chave:** Escolas, Violência, Rio de Janeiro.

**Resumen:** El presente artículo surgió de la inquietud y observación de la realidad del sistema educativo *carioca*. Se busca levantar algunos cuestionamientos y encontrar posibles caminos para se comprender el cotidiano de las escuelas de la red pública de enseñanza de Río de Janeiro ubicadas dentro de las *favelas*; el contexto de violencia sufrida por alumnos y profesores de la Red, los impactos de la violencia urbana en el contexto escolar y sus desdoblamientos en la rutina de sus alumnos, profesores y equipo técnico, como forma el cierre de las unidades de manera completa o parcial, la pérdida de días lectivos, la convivencia constante con hombres armados, las operaciones policiales que ocurren en cualquier momento y las interferencias externas que impactan la vida del ambiente educativo.

**Palabras clave:** Escuelas, Violencia, Río de Janeiro.

**Abstract:** The present article arose from the restlessness and observation of the reality of the *Carioca* educational system. It seeks to raise some questions and to find possible ways to understand the daily life of Rio de Janeiro public schools located within the *favelas*; the context of violence suffered by students and teachers of these public schools, the impacts of urban violence in the school context and its unfolding in the routine of its students, teachers and technical staff. These impacts result, for example, in the partially or completely closure of units, the loss of school days,

the constant coexistence with armed men, the police operations that occur at any moment and all the external interferences that impact the life of the educational environment.

**Keywords:** Schools, Violence, Rio de Janeiro.

---

## **Introdução**

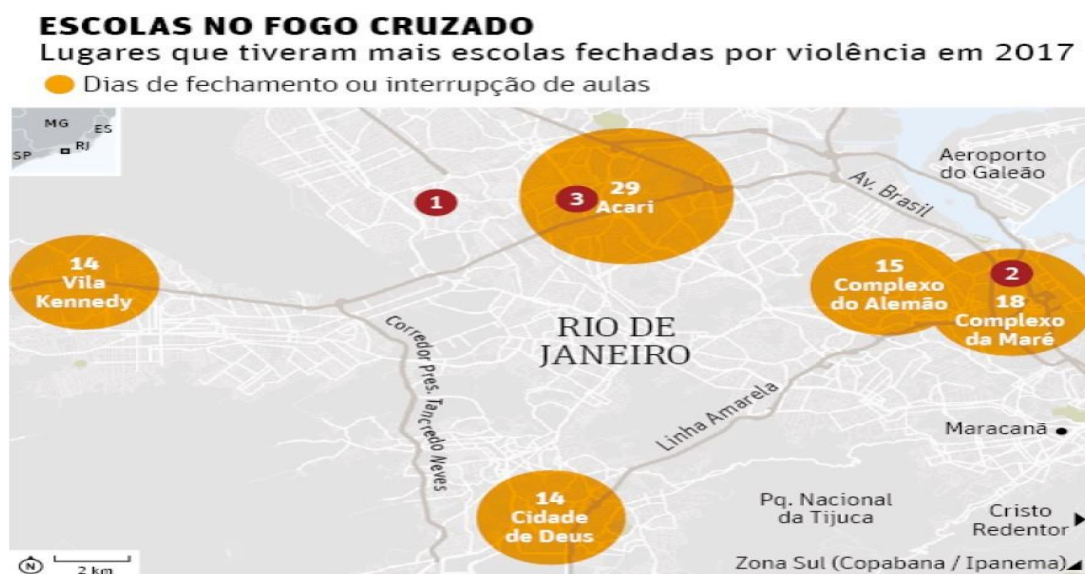
A cidade do Rio de Janeiro é mundialmente conhecida por seus encantos, pelo carnaval, pelo samba, por suas praias e tantas outras belezas. Porém o Rio vem se tornando mundialmente conhecido pela violência urbana que assola seus habitantes e não poupa seus visitantes. Hoje vivemos no Rio de Janeiro um quadro de violência estrutural, que afeta a sociedade em todos os seus níveis, e que traz implicações diretas para o desenvolvimento escolar dos nossos alunos. Como a violência é mais aguda em regiões mais pobres, ela afeta a população de forma desigual, acentuando as dificuldades e os impactos sobre os alunos das classes menos favorecidas. Estes, por sua vez, são usuários da rede pública de ensino, tornando a questão da violência um tema central para qualquer política pública de ensino que se pretenda eficaz. A violência interfere na qualidade de vida dos alunos, influenciando a importância que os mesmos dão a educação e até mesmo o acesso.

Neste trabalho, temos como objetivo discutir as formas que a violência urbana assume no contexto das favelas da cidade do Rio de Janeiro e como estas diferentes formas impactam o ambiente escolar nestas localidades. Nosso pressuposto é que as políticas públicas de educação podem ser uma ferramenta central no combate a estes impactos da violência, mas que a política pública hoje predominante, a título de defender a meritocracia, trata como idênticas realidades muito distintas na cidade e joga toda responsabilidade para enfrentar esta situação sobre os ombros dos atores do sistema escolar: professores, técnicos, alunos e suas famílias. Para desenvolver esta discussão, realizamos uma pesquisa bibliográfica que procurou ilustrar as diferentes formas de violência urbana tão presentes nas favelas, como estas formas de violência afetam o ambiente escolar e, finalmente, como a política pública vigente, baseada no que chamamos de mito da meritocracia, não responde às necessidades específicas das escolas situadas nas favelas e termina por ampliar o problema.

O jornal Folha de São Paulo, em 12/07/2017, publicou reportagem que aponta que dos 100 dias letivos ofertados até aquela data, em 93 dias, ao menos uma escola da rede municipal do

Rio de Janeiro fechou em função da violência. A mesma matéria, usando os dados da Secretaria de Educação da Prefeitura do Rio, aponta que 381 escolas, 25% da rede, tiveram aulas suspensas por tiroteios em algum dia.

Fica claro que as regiões mais pobres são as mais atingidas. Quanto mais próximo da violência, mais são afetados esses alunos, que são submetidos aos efeitos cruéis da violência. Desta forma a população que vive em situação social menos favorecida vivencia de maneira desigual esta situação e isso tem efeitos no desenvolvimento das potencialidades das crianças em idade escolar. Em outras palavras, a educação deixa de ser um mecanismo de redução das desigualdades também por conta da violência e justamente para aquela parcela da população que já é mais afetada pela violência em seu cotidiano. A figura 1, que integra a reportagem, é reproduzida abaixo. Ela mostra quais as áreas em que mais escolas fecharam em razão da violência.



**Figura 1 – Escolas no Fogo Cruzado**

**Fonte: Folha de São Paulo, 12 de julho de 2017.**

As questões relacionadas ao desenvolvimento dos alunos são heterogêneas e relacionadas aos fatores socioeconômicos. Para muitos alunos, devido à sua condição e origem social, a única fonte de informação e cultura é a escola. A família não tem recursos que lhe permitam valores culturais, códigos linguísticos, desenvolvimento de suas habilidades, que lhe assegure um padrão intelectual comum ao meio social em que vivem, sendo assim, a proveniência social influencia diretamente no desenvolvimento escolar.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) informou, durante um evento em Genebra, que está preocupado com o impacto da violência no dia a dia de crianças cariocas, visto

que “uma em cada quatro escolas da Secretaria municipal de Educação, Esportes e Lazer teve que fechar durante determinados períodos ou foram forçadas a interromper as aulas por causa dos tiroteios ou outros tipos de confrontos”. Esses confrontos e interrupções impactam diretamente o desenvolvimento de nossos alunos, afetam desfavoravelmente a capacidade de concentração necessária para que ocorra um processo de aprendizagem significativa, eficaz e eficiente para estes alunos. A violência do Rio é muito preocupante, pois ela atinge diretamente e com muita força a “arma” mais capaz de combatê-la.

A violência nos paralisa, causa impacto psicossocial em nossos alunos, levando-os a desenvolverem traumas e essa é apenas uma pequena parte dos problemas que a rotina do medo pode causar, em alunos e professores. Muitos professores se sentem desmotivados e apreensivos com a realidade enfrentada nas favelas cariocas. Cidade que tem se apresentado falha no tratar de suas crianças que serão o futuro da cidade, também tem se apresentado opressora com os seus funcionários que todos os dias saem de suas casas para cumprirem sua função que é educar e despertar crianças e adolescentes para uma realidade mais justa, e que todos tem o seu direito de ser diferente, porém de igual direitos respeitados e que suas especificidades sejam levadas em consideração para que seja promovida uma educação de equidade.

### **Violência Urbana no Rio de Janeiro e os impactos para a população moradora de favelas**

A violência atualmente tem grande destaque no cenário nacional e internacional. A violência se manifesta de diversas formas, em preconceitos, fome, discriminação, conflitos étnico-raciais, guerras, torturas entre outras diversas maneiras. Violência significa usar a agressividade para ameaçar ou cometer algum ato que fira o outro com intencionalidade de matar, provocar algum acidente ou algum trauma psicológico.

Segundo Soares e Bill (2005), a palavra violência possui múltiplos sentidos:

Pode designar uma agressão física, um insulto, um gesto que humilha, um olhar que desrespeita, um assassinato cometido com as próprias mãos, uma forma hostil de contar uma história desprezível, a indiferença ante o sofrimento alheio, a negligência com os idosos, a decisão política que produz consequências sociais nefastas (...) e a própria natureza, quando transborda seus limites normais e provoca catástrofes.

Em suas diferentes formas de manifestação, a violência recebe um segundo nome a fim de que se especifique o que cada uma trata de forma mais clara e restrita. Neste contexto, a violência

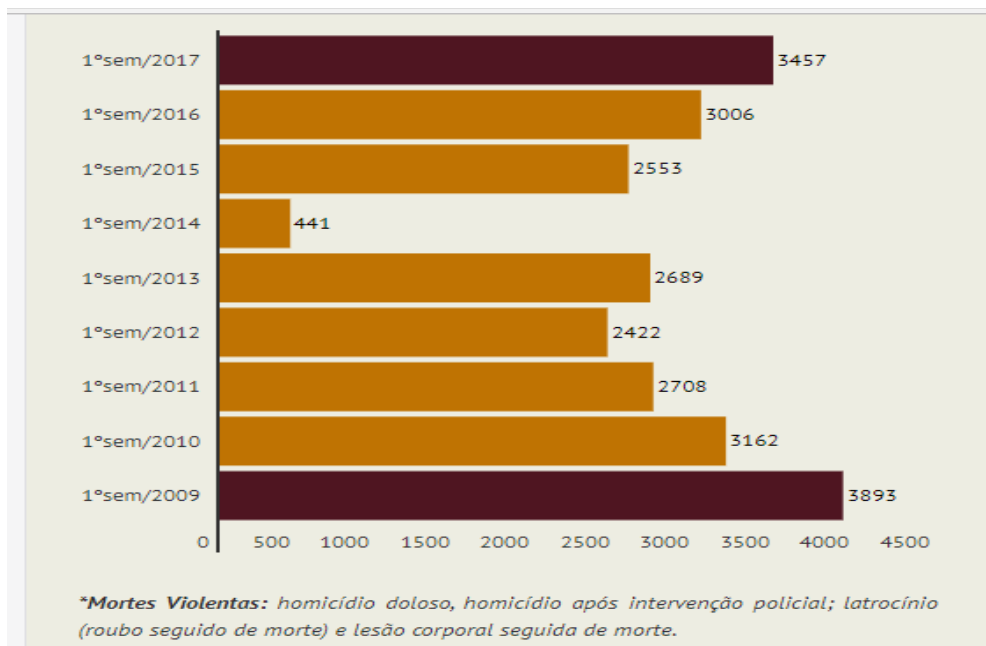
urbana tem sido um tema muito discutido nas últimas décadas, em razão do aumento da violência nos centros urbanos. Esse tipo de violência é uma das mais comuns no mundo contemporâneo, especialmente pelo fato da maioria da população do planeta viver em áreas urbanas.

Pode-se dizer que a violência urbana é caracterizada por todo tipo de desobediência à lei, seja ela praticada pelo cidadão civil, militar, pelo Município ou pelo Estado. Entende-se, assim, como violência urbana toda atitude que comprometa os bens públicos e que atende contra a vida, como assaltos, homicídios, fome, falta de moradia adequada, falta de uma escola de qualidade, emprego, saúde de má qualidade, saneamento básico precário entre outros aspectos (LUCINHA; NASCIMENTO; CANDAU, 2001)

O Instituto de Segurança Pública (ISP) divulgou que os casos de letalidade violenta (soma de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e homicídio decorrente de oposição à intervenção policial), no Rio de Janeiro, tiveram aumento de 7,5%, em 2017, em relação a 2016, passando de 6.262 para 6.731. Em dezembro de 2017, foram registradas 66 vítimas a menos de mortes violentas no estado, uma queda de 10,9% em relação ao mesmo mês de 2016.

Outro crime que também cresceu no estado do Rio em 2017 foi o roubo de veículos, com alta de 30,4%. No ano passado, foram roubados 54.367 ante 41.696 no ano anterior. O roubo de carga teve aumento de 7,3%, passando de 9.874 casos em 2016 para 10.599 em 2017. Os roubos de rua (soma de roubo a transeunte, roubo de aparelho celular e roubo em coletivo) tiveram queda de 1,1% no ano passado. Foram 127.098 casos em 2016 e 125.698 no ano passado.

O levantamento também verificou que em 2017 foram apreendidos 499 fuzis no estado, o maior número registrado em toda a série histórica do Instituto de Segurança Pública, que teve início em 2007. Foram 130 fuzis a mais em relação ao ano de 2016.



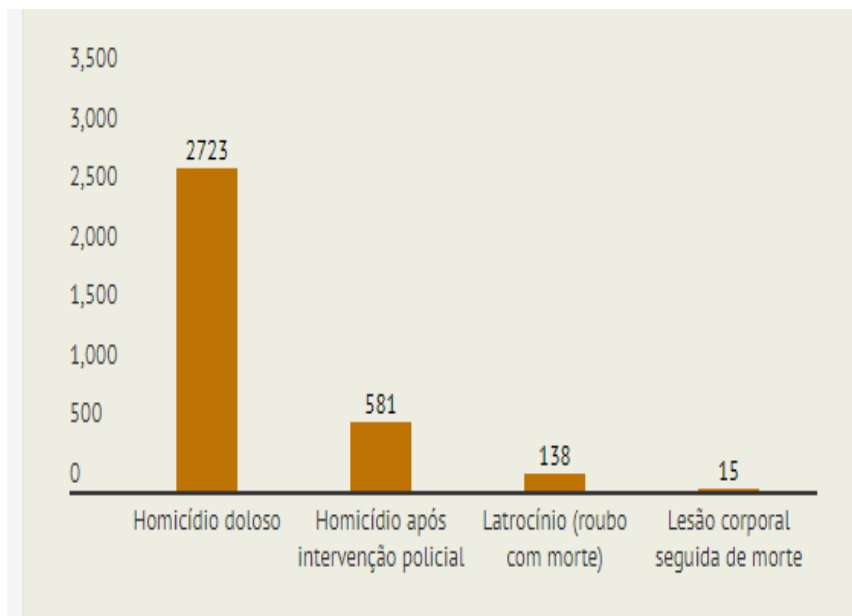
**Figura 2 – Evolução da taxa de letalidade violenta no RJ 2009 – 2017**

**Fonte: ISP (2018)**

A figura 2, acima, mostra que desde 2009 até 2014, ano da Copa do Mundo no Rio de Janeiro, a letalidade violenta apresentou queda importante. Desde 2015, no entanto, as mortes violentas crescem vertiginosamente e se aproximam do pico da série histórica registrado em 2009. É como se, em aproximadamente 10 anos, voltássemos completamente no tempo em termos destes resultados.

**Figura 3 – Variações de mortes violentas no RJ em 2017 Fonte: ISP (2018)**

A figura 3 mostra que este crescimento das mortes violentas em 2017 se concentra em



homicídios dolosos. Em segundo lugar, aparecem as mortes decorrentes de intervenção policial. Mortes decorrentes de assaltos (latrocínio) ou de lesões corporais são bem menos representativas. Isto parece indicar que os homicídios resultam mesmo da violência inerente à dinâmica do crime organizado e da lógica de atuação policial preponderante.

Seja qual for o dado que levemos em conta, uma observação não pode nos escapar: a violência urbana no Rio de Janeiro tem crescido de maneira alarmante. Dois fatores parecem explicar esta tendência: o crescimento urbano desordenado e a falta de infraestrutura para os novos moradores das favelas que se formam ou aumentam. O processo de crescimento urbano ocorre devido ao vertiginoso êxodo rural, que pode acontecer devido à escassez de emprego, desastres naturais, necessidade de serviços com hospitais, transportes, educação entre outros.

São razões que levam populações inteiras a migrarem para os grandes centros urbanos que não possuem estrutura para recebê-las. Os grandes centros urbanos não estão preparados para lidar com esse fenômeno que resulta na maioria das vezes em problemas sociais. Como falta de emprego, falta de vagas nas escolas e casas sem condições adequadas. O que leva a maioria desses novos moradores dos centros urbanos a formarem novas casas ou barracos nas favelas, que aumenta e agrava os problemas já enfrentados por seus moradores. Segundo Lessa (2005, p. 293),

a metrópole

Apesar de toda a precariedade, eleva o padrão de bem-estar e a acessibilidade aos serviços sociais. A metrópole, quando cresce, é um canteiro de obras e um espaço de possibilidades que atrai, continuamente, mão-de-obra livre e pobre das cidades menores e da zona rural.

Esta busca pelo espaço na metrópole é um fenômeno global. Como demonstram Rivera-Santos e Rufin (2012), populações em situação de vulnerabilidade socioeconômica vivem um isolamento institucional notório. Os mesmos autores destacam, em outra obra, como a ausência de acesso às políticas públicas historicamente aprofunda este isolamento (Rivera-Santos; Rufin, 2010). Nestas situações, a busca de soluções para os problemas básicos, como saúde e segurança, acaba se dando no âmbito das próprias dificuldades, ampliando ainda mais o sentimento de exclusão (Sachs; Bono, 2005).

Acometendo a população mais pobre e que vive nas favelas, sujeita a toda sorte de violências e a situações até sub-humanas. A população das favelas cariocas é submetida todos os dias ao medo, às incertezas, à falta de segurança, e ainda sofre com o desrespeito daqueles que deveriam tornar suas condições de vida melhores.

De certo, a violência urbana tem assolado toda a Cidade Maravilhosa - Rio de Janeiro. E o morador das favelas cariocas que além de sofrer de forma mais acentuada com a violência ainda são culpabilizados por ela. Essa culpa pode ser percebida muito claramente em um passeio pelo shopping, em uma ida a praia e até mesmo ao andarmos pelas ruas da cidade, quando os nossas crianças e adolescentes estão circulando nos espaços e a segurança dos estabelecimentos os segue, a guarda municipal fica alerta com notam a presença de pessoas oriundas das favelas, todas essas são maneiras de condenar os moradores das favelas cariocas. É preciso ter muito cuidado para que não se crie ou intensifique a mentalidade de que se é pobre, mora na favela é um problema para a cidade, como se a pobreza e as favelas não fossem um problema de toda a sociedade, que desde sua divisão territorial se fez de maneira desigual.

## **1. As violências das favelas e os impactos na educação escolar**

Como crescer? Como progredir? Como avançar? Como contrariar o caminho seguido pela maioria da população moradoras das favelas? Como? Talvez não consigamos responder essas perguntas com tanta eficácia. Mas podemos destacar alguns elementos que impedem a população carioca, e sobretudo a parcela que vive nas favelas, de avançar, de ir além e isso não acontece



por falta de vontade, capacidade ou de luta dessa população. Mas sim pelo fato de serem os que mais sofrem com o impacto das violências que assolam a cidade. A população das favelas, de uma forma geral, vive e convive com a violência latente que existe dentro desses espaços e que causam impactos diretos em suas formas de viver. Violências essas que privam o cidadão dessas localidades do direito de ir e vir, impedem que os agentes públicos possam desenvolver um trabalho de qualidade, sonegam o direito de acesso a recursos básicos e essenciais para uma vida digna. Impactos esses que atingem com mais ferocidade as crianças moradoras dessas localidades e que fazem uso do sistema público de educação. Estas são obrigadas a conviver em um ambiente hostil, de instabilidade, que afeta o seu desenvolvimento, emocional, intelectual, psicológico e cognitivo. Como define Rocha (1996. p. 10.)

A violência, sob todas as formas de suas inúmeras manifestações, pode ser considerada, vale dizer, como uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas.

Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto.

Considerando que para ocorrer um processo de aprendizagem significativa se faz necessário que o indivíduo tenha condições para que sua atenção, memória e emoção estejam equilibradas ou estáveis, características essa que a violência destrutura, pode-se associar as dificuldades do processo de aprendizagem e, por que não dizer, até mesmo seu fracasso recorrente das condições que a violência impõe em muitas favelas.

Um primeiro aspecto que afeta estruturalmente a aprendizagem é a interrupção irreversível das aulas e a perda de dias letivos. Os impactos da violência sofridos pelos alunos das escolas públicas localizadas nas favelas do Rio são inúmeros como perda de dias letivos. O ano de 2017 tinha previsto 198 dias letivos para a rede municipal de ensino, porém só em 14 dias ocorreram efetivamente o funcionamento integral da rede e os outros 184 dias letivos o que aconteceu com eles? Foram interrompidos por episódios como tiroteios, assaltos, operações policiais, toque de recolher que ocorrem em algumas áreas da cidade, episódios estes que prejudicaram mais de 165 mil estudantes. Podemos citar como um outro impacto da violência urbana na educação, os traumas e os medos que a exposição a violência causa aos estudantes e profissionais da área de educação. Suas vítimas convivem com um sentimento de impotência constante e são obrigadas a obedecer às normas violentas e ditatoriais, quase que de maneira

“natural”.

Outro aspecto não menos importante é a rotina do medo vivida pelas crianças e adolescentes nestas regiões. Tal fator afeta o desenvolvimento integral desses indivíduos, causando consequências para o seu desenvolvimento escolar como: baixo rendimento escolar; desmotivação; desinteresse pela escola e a pela possibilidade de mudança de vida através da educação. Em estatística feita pela ONG Rio de Paz, de 2007 a 2017, 44 crianças morreram vítimas de bala perdida. Só em 2017, dez crianças morreram devido à violência no Rio. Dentre essas mortes o Rio registrou a morte de uma estudante de 13 anos dentro da Escola Municipal Jornalista Daniel Piza em Acari. A mesma foi atingida durante um confronto entre policiais e bandidos. Após esse episódio a escola se manteve fechada por trinta dias. Neste cenário, todos sofrem com a violência no Rio, os estudantes e os profissionais da educação que constantemente são surpreendidos por confrontos e enfrentamentos que não tem hora e lugar para acontecer. E o que os levam a uma instabilidade emocional capaz de destruir todo um processo de ensino-aprendizagem significativo; a violência mexe com toda a organização da comunidade escolar; seja quando o ato de violência invade diretamente a escola como no caso citado acima, quando atinge o entorno em que a escola está inserida ou quando atinge o público atendido pelas escolas. Como chegar a escola em dias após operações policiais, confrontos entre facções, confrontos entre policiais e bandidos, assassinatos, toque de recolher e ameaças de enfrentamento entre o poder público e o poder paralelo atuante no Rio e começar uma aula como se todos esses fatores não interferissem na vida dos estudantes e professores?

Segundo pesquisa realizada por Paiva e Burgos (2009.p. 27), na percepção de diretores e professores, o ambiente da favela, dominado pela cultura da violência – que apenas é dramatizada pelo tráfico – se chocaria com o projeto escolar, e mais, escola e favela se apresentam aqui como dois espaços antagônicos, em permanente conflito e que diretores, que os professores e a equipe técnica das escolas são afetadas constantemente pela violência tanto quanto os alunos. O direito à educação de qualidade e igualitária estará sempre em segundo plano enquanto não houver as condições adequadas de aprendizagem e enquanto os direitos básicos fundamentais para estudantes, familiares e professores não forem garantidos de maneira efetiva.

Esse horizonte reforça um importante diagnóstico: não se pode responsabilizar o professor e a escola pelo “insucesso”, “fracasso” ou evasão de seus alunos oriundos dessa realidade violenta. Se os verdadeiros responsáveis pela educação carioca não assumirem suas responsabilidades e comprometimento em equacionar o problema da educação carioca, que vai muito além de

problemas educacionais propriamente dito, os professores e a comunidade escolar como um todo não serão capazes de dar conta dessa triste realidade, mesmo que se esforcem para isso.

Além disso, os nossos professores não são preparados, não recebem treinamento prévio para atuarem em escolas públicas localizadas em áreas de risco - favelas e nem com o público que ali é atendido. Quando são inseridos nessa realidade se deparam com diversos tipos de conflitos e muitas das vezes não sabem como lidar. Se deparam com alunos que não compreendem a importância do processo escolar em suas vidas, com alunos que já sofreram ou sofrem com fome, violência doméstica, abandono, falta de cuidados básicos de saúde, convívio com a violência em decorrência do poder paralelo ao Estado, violência gerada pelo próprio Estado - como em casos de ações truculentas realizada pelas polícias - e o descaso dos órgãos públicos em todas as suas esferas. O psicológico desse profissional é tão afetado quanto o dos seus alunos. Esses educadores igualmente sofrem com o medo, desmotivação e instabilidade emocional, que podem acarretar em desgaste e em adoecimento.

O que pode ser percebido é que temos professores atuando na rede municipal do Rio de Janeiro que “vestem a roupa de herói” e vai ao resgate daquelas crianças, para que elas saiam daquele círculo vicioso de sofrimento e injustiça que sofrem. Entretanto, esse esforço individual pode levar à perda de esperança, ao perceber que a escola não está conseguindo “salvar” a todos e nem a desenvolver com qualidade e eficácia a sua finalidade, que é ensinar e proporcionar aos seus alunos ascensão social e educacional.

Esse contexto e casos apontam para a realidade que a escola e o professor sozinhos não conseguem e não vão mudar a violência enfrentada no cotidiano das favelas cariocas, embora se reconheça que a escola tem um papel fundamental para a mudança social. Mas, sem uma escola responsável e de qualidade que estimule o desenvolvimento pleno de seus alunos não chegaremos a mudanças. Não existe nenhuma sociedade que tenha obtido qualidade de vida mais igual aos seus cidadãos que não tenha passado pela escolarização. (ON-LINE, 2010).

O impacto da violência é enorme e para uma proposta educacional ser emancipadora é preciso reconhecer as desigualdades sociais. Como asseveram Paiva e Burgos (2009, p.27),

[...] a escola na favela é refém de inúmeras circunstâncias que a aprisiona em um ciclo vicioso em que os principais atores-professores e alunos- estão cientes das inúmeras desvantagens do cenário montado para serem protagonistas.

## **2. O Mito da Meritocracia e seus pressupostos**

Diante da situação atual das escolas da Rede Pública de Ensino do Município do Rio de Janeiro, localizadas em áreas de alto risco de violência, é muito importante trazer a essa discussão a temática da meritocracia. Segundo o dicionário Aurélio, meritocracia significa:

- i. Forma de liderança que se baseia no mérito, nas capacidades e nas realizações alcançadas, em detrimento da posição social.
- ii. Sistema social onde se pratica esse tipo de liderança
- iii. Grupo de líderes pertencentes a esse sistema.

Podemos então concluir que meritocracia é o mérito que cada indivíduo alcança por seu próprio esforço independente de sua classe social, etnia ou credo. A meritocracia foi inserida no contexto educacional afim de estimular os professores a desempenharem um melhor papel no processo de ensino, para que pudessem alcançar as metas pré-estabelecidas e serem premiados por isso. Quando as metas são alcançadas professores e funcionários das escolas recebem bônus e o 14º salário. As avaliações são produzidas pela SME/RJ e encaminhada as escolas, para que o objetivo da SME seja alcançado os professores devem seguir as orientações, mesmo que não tenha nenhum significado no contexto onde está sendo inserida. Essa política causam outros desdobramentos dentro de Sistema educacional como: A perda de autonomia do professor, já que o mesmo deve se adequar a realidade dos cadernos pedagógicos enviados pela SME para a realização das avaliações, isso faz com que o professor fique impossibilitado de ajustar o material de acordo com a realidade de seus alunos. Essa dificuldade é enfrentada por toda rede, porque não temos uma sociedade homogênea, uma avaliação que não considera as diferenças dentro da sociedade em que está sendo aplicada se torna injusta e quando consideramos a realidade de quem vive e convive com a violência interferindo diretamente no processo de escolarização não há como considerar que essa maneira de avaliação e de premiação busca a requalificação da educação pública e o fim da desigualdade do ensino ofertado.

Não seria injusto e desigual se todos os indivíduos que são diferentes, porém de iguais direitos, realmente os tivessem. A meritocracia aplicada na educação carioca, acentua a desigualdade social enfrentada por nossos alunos e professores dentro e fora da própria Rede. Quando a discussão é meritocracia nas escolas, sobretudo nas menos favorecidas de nossa sociedade, é preciso ter muito cuidado para que meritocracia não se torne sinônimo de desigualdade.

A meritocracia não pode ser usada para criar uma falsa realidade da Rede. Na realidade carioca só poderia ser adotado esse sistema quando todos os problemas sociais, em especial a

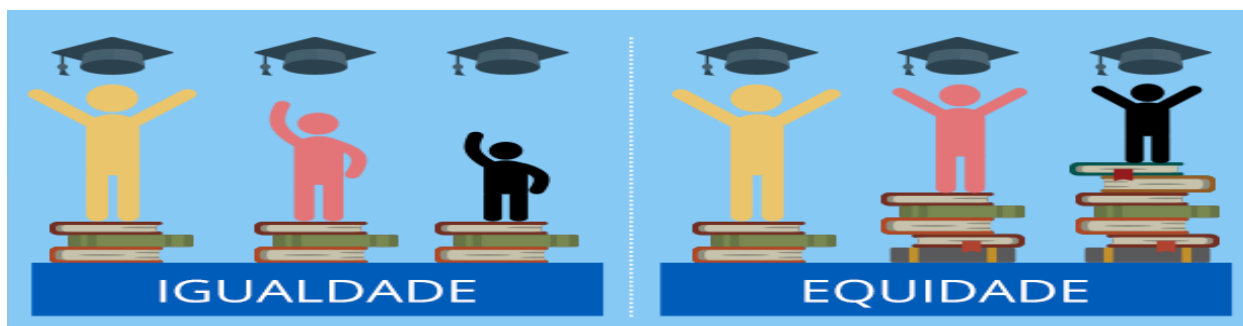
desigualdade, fossem resolvidos. Caso contrário, estes mecanismos acabam por reforçar a desigualdade já existente.

Isto ocorre porque a meritocracia não leva em consideração a realidade de cada indivíduo, se de fato a disputa é justa. Podemos tomar o seguinte exemplo, considerando duas escolas da própria Rede. Uma escola está localizada em uma localidade que tem tiroteios e interrupções frequentes dos dias letivos e uma outra esta localizada em uma área onde esses tiroteios e interrupções de aula são quase que inexistentes. É notório que uma escola onde a violência é regra sofre mais perda da qualidade de ensino ofertada aos seus alunos do que a outra. E esse é só um dos muitos pontos que deixa claro que a meritocracia na Cidade do Rio de Janeiro é uma ilusão e injusta com os envolvidos de maneira obrigatória nesse processo.

Diante da realidade enfrentada por professores e alunos das escolas públicas nas favelas do Rio usar a meritocracia como meio de motivá-los a bater uma meta que não foi pensada para a sua realidade e sim para uma Rede como mais de 1.537 unidades, segundo os dados da Secretaria Municipal de Educação e como múltiplas especificidades de cada região da cidade. Não seria essa política uma forma de isentar a própria SME de suas responsabilidades? Haja vista que se a escola não for bem nas avaliações os professores e alunos são considerados culpados pelo insucesso.

Antes de submeter as escolas da Rede a essa disputa é preciso que haja equidade no sistema educacional, seja ele privado ou público, somente desta maneira a meritocracia será vista com credibilidade e como um estimulante para a melhoria da qualidade da educação Carioca.

A imagem abaixo representa a forma com a educação carioca deveria ser vista e pensada, igual a todos por direito considerando que todos são diferentes um do outro e vivem realidades diferentes mesmo estão na mesma cidade.



**Figura 4 – Igualdade e Equidade**

**Fonte:** (Ilustração Vilmar Oliveira, 2017)

O maior antagonismo da política meritocrática desenvolvida nas escolas, está no fato de que o Estado, ao mesmo tempo em que reconhece as desigualdades e a precariedade que impedem o acesso, por exemplo, de jovens pobres e negros no ensino superior e para resolver isso cria políticas de cotas sociorraciais. Mas não consegue perceber que os mesmos jovens estudam em escola públicas em condições menos vantajosas às de outros sujeitos com os quais concorrem. Por essa razão a equidade se faz necessária na Educação. Uma das regras fundamentais para se atingir a igualdade diz respeito a tratar de maneiras diferentes os desiguais. Caso se trate de forma igual a quem detém condições desiguais, abre-se caminho para mais injustiças.

Para Dubet (2008) a igualdade oferecida pela política meritocrática das oportunidades permanece como a figura cardinal da justiça escolar, vista como a única maneira de produzir desigualdade justas.

Refletindo sobre a injustiça produzida pela meritocracia nas escolas públicas cariocas, podemos recorrer ao pensamento de La Bruyère,

Que terrível trabalho tem um homem, sem padrinhos e sem cabala, sem estar escrito em nenhuma corporação, sendo sozinho e só tendo por recomendação um grande mérito, para fazer luz sobre a obscuridade em que se encontra, e chegar ao nível de um tolo bem cotado! Quase ninguém percebe por si mesmo o mérito dos outros [...]. O gênio e os grandes talentos muitas vezes faltam, às vezes também faltam apenas as ocasiões: alguns podem ser louvados pelo que fizeram, outros pelo que teriam feito.

(Jean de La Bruyère, 1645-1696)

Refletindo sobre o papel da avaliação institucional, afirmam Freiras et al (2014, p.88)

Com a avaliação institucional, o que se espera, portanto, é que o coletivo da escola localize seus problemas, suas contradições; reflita sobre eles e estructure situações de melhoria ou superação, demandando condições do poder público, mas ao mesmo tempo, comprometendo-se com as melhorias concretas na escola.

### **3. Considerações Finais**

As principais reflexões desse artigo são que a educação ofertada pela Rede Público de Ensino do Município do Rio de Janeiro às crianças moradoras das favelas cariocas sofrem

diversos ataques externos oriundos da violência urbana que a cidade vem enfrentado e que fica ainda mais evidente e alarmante nas favelas, impossibilitando o desenvolvimento da educação de maneira adequada nas escolas da Rede. Isto traz como consequência uma educação com múltiplas deficiências para o desenvolvimento pleno de seus alunos e que acentua a deficiência quantitativa e qualitativa da mesma. Podemos dizer que a nosso ver, o principal caminho para o combate à desigualdade, qual seja, o incentivo à educação, encontra-se fechado pela incapacidade de romper-se este ciclo vicioso imposto nas favelas.

O presente texto também traz os impactos que a violência causa em todos os indivíduos envolvidos no processo de escolarização, sejam eles alunos, professores e equipe técnica. Em muitos debates, levanta-se a questão do papel destes atores e da própria escola. Mostramos os limites que a escola e seus indivíduos enfrentam diante do conjunto social que lhe são impostos.

Analizamos criticamente uma iniciativa na Rede que, teoricamente, poderia ajudar a combater estes problemas. Trata-se da questão da meritocracia que é uma prática adotada pela prefeitura do Município. No entanto, a avaliação escolar no contexto desta iniciativa leva em conta o conjunto de todas as escolas, como se a população carioca fosse homogênea, não levando em consideração as especificidades de cada local onde as escolas da Rede estão inseridas e a realidade que as cercam. Esta medida acaba por frustrar, mais uma vez, a construção de alternativas concretas para superação dos impactos que a violência traz ao ambiente escolar e, o que pode ser ainda pior, aumenta a percepção de desigualdade entre as próprias unidades e propostas educacionais ofertadas na Rede, já que não é considerado o impacto negativo da violência no desenvolvimento escolar do aluno e do professor que não vê o seu esforço reconhecido mesmo que não tenha alcançado a meta proposta, o mesmo acaba por se sentir desmotivado a educar e a estimular seus alunos em meio a violência diária que enfrentam.

#### **4. Agradecimentos**

A Deus por permitir que tudo isso acontecesse, não só por esse momento mais por tudo ao longo da minha vida, por me pedir conhecer pessoas que enriqueceram a minha trajetória.

À professora Mestra Marina Garcia pela orientação, apoio e confiança.

Agradeço a todos os professores por todo incentivo e afetividade a mim demonstrada.

Agradeço a minha mãe Isabel, que é minha heroína, que sempre me incentivou nas horas mais difíceis, de desânimo e cansaço.

A todos que de forma direta ou indireta fizeram parte da minha formação.

## 5. Referências

BERTAS, Valéria. **A escalada da violência no Rio de Janeiro em 4 gráficos**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/a-escalada-da-violencia-no-rio-de-janeiro-em-4-graficos/>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

CARDIA, Nancy. **A violência urbana e a escola**: Contemporaneidade e Educação. Rio de Janeiro: Iec, 1997.

DUBET, François. **O que é uma escola justa? A escola das oportunidades**. São Paulo: Cortez, 2008.

EDUCAÇÃO, Secretária Municipal de. **Cruz Vermelha começa a treinar professores da Prefeitura no mês de julho**. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?id=7092002>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

EDUCAÇÃO, Secretária Municipal de. **Educação em Números**. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/educacao-em-numeros>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

FREIRAS, Luiz Carlos de et al. **Avaliação Educacional**: Caminhando pela Contramão. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2014.

GLOBAL, Justiça. **Rio de Janeiro registra a maior letalidade policial da década**. Disponível em: <<http://www.global.org.br/blog/2017-rio-de-janeiro-registra-maior-letalidade-policial-da-decada/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

GLOBO, O. **Unicef alerta que violência no Rio é prejudicial ao desenvolvimento das crianças**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/unicef-alerta-que-violencia-no-rio-prejudicial-ao-desenvolvimento-das-criancas-21611430#ixzz5CEunFwrj>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

JANEIRO, Prefeitura do Rio de. **Acordo de Resultados**. Rio de Janeiro: Prefeitura, 2011. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/2116763/4104311/acordoderesultadosbx.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

LUCINHA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças; CANDAU, Vera Maria. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: Dp&a Editora, 2001.

ON-LINE, Ihu. **A escola e a Favela**. Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/arquivos/15408>>. Acesso em: 18 maio 2010.



PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann. **A escola e a Favela**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

RIO, G1. **Adolescente morre baleada dentro de escola no Rio;**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/adolescente-morre-baleado-dentro-de-escola-na-zona-norte-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

ROCHA, Zeferino. **Paixão, violência e solidão**: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII.. Recife: Ufpe, 1996.

SOARES, Eduardo Luiz; BILL, Mv; ATHAYDE, Celso. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

TEIXEIRA, Fábio. **Rio bate recorde de homicídios em oito anos, segundo o ISP**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/rio-bate-recorde-de-homicidios-em-oito-anos-segundo-isp-22300838#ixzz5G3mmAHaSstest>>. Acesso em: 18 jan. 2018.